

J.G. FARRELL

HOTEL MAJESTIC

Tradução de Fernando Dias Antunes

“As evidências de mudança e decadência no Majestic não são um fenómeno restrito, e é esta noção do particular que projecta o universal, uma noção que tão bem atravessa as páginas deste livro brilhante, que o torna um autêntico *tour de force*.”

The Guardian

Primeira parte

UM MEMBRO DA FINA-FLOR

Naquele tempo, o Majestic permanecia de pé em Kilnalough, no extremo de uma estreita península coberta de pinheiros mortos, aqui e ali inclinados em ângulos esquisitos. Nessa época, provavelmente, também havia iates durante o Verão, uma vez que o hotel organizava uma regata anual no mês de Julho. Esses iates deviam ter estado atracados na praia, num dos dois areais que se estendiam em meia-lua em direcção ao hotel, de cada lado da península. Mas, agora, tanto os pinheiros como os iates vaguaram para longe e, qualquer dia, a maré-alta pode muito bem galgar a parte mais estreita da península, ainda mais comprimida pela erosão. Quanto à regata, por alguma razão foi interrompida há alguns anos, antes de os Spencers terem tomado a seu cargo a gestão do local. E, alguns anos mais tarde, também o Majestic seguiu o mesmo destino dos barcos e dos pinheiros, penetrando no esquecimento ao arder totalmente – mas, nessa altura, o local estava num tal estado de abandono que já pouco importava.

Curiosamente, apesar do efeito corrosivo do ar marinho, ainda eram visíveis os destroços carbonizados do enorme edifício principal; por alguma razão – a fraca qualidade do solo ou a proximidade do mar – a vegetação apenas fez uma tentativa meramente simbólica para se apoderar deles. Aqui e ali, entre as fundações, ainda se podiam encontrar

vestígios do antigo esplendor do Majestic: por exemplo, a grande quantidade de banheiras de ferro forjado que se tinham desmoronado de um andar luxuriante para o seguinte, até se estatelarem por terra; armações de camas retorcidas, algumas das quais não totalmente enferrujadas; e uma quantidade simplesmente prodigiosa de pias e bacias de lavatórios. Em intervalos ao longo das paredes exteriores, existe um testemunho da enorme carga térmica do incêndio: é possível desenterrar pequenas covas de cristal formado em camadas, como as gotas de cera de uma vela, que se acumularam aí, naturalmente, por causa das janelas que derreteram. Se as apanhamos, desfazem-se na mão, transformadas em gotículas translúcidas.

Outro aspecto curioso: deparamo-nos com um grande número de esqueletos brancos dispersos pelas imediações. Os ossos são muito delicados e devem ter pertencido, dir-se-ia, a pequenos quadrúpedes... (“Mas não, não são coelhos”, diz a minha avó com um sorriso).

Em tempos, tinha sido um local muito em voga. Era mesmo considerada uma honra conseguir um alojamento aí durante a época estival. No entanto, quando Edward Spencer o comprou depois de regressar da Índia, conservou pouco ou nada da sua glória, mesmo tendo mantido alguns dos clientes fiéis de anos sucessivos, na maior parte senhoras solteiras. A única explicação para o seu contínuo patrocínio (uma vez que, sob a administração de Edward, o hotel foi-se degradando paulatina e decididamente) é que, à medida que o hotel perdia o seu esplendor, as solteironas se tornavam inexoravelmente mais pobres. Em todo o caso, podiam continuar a dizer: “Ah, o Majestic, em Kilnalough? Vou lá todos os anos, desde 1880...”, e o homem que vendeu o recinto a Edward podia afirmar que tinha, pelo menos, os poucos clientes fiéis que iam todos os anos sem falta. No fim de contas, estes clientes fiéis tornavam-se um fardo pesado para Edward (e mais tarde para o Major) – pior do que não ter quaisquer clientes, uma vez que tinham os seus hábitos de vinte anos ou mais; os quartos onde tinham ficado alojados durante vinte anos estavam dispersos por aquele imenso edifício e, embora houvesse alas inteiras e recantos que estivessem mortos e degradados, ainda havia neste ou naquele piso um pulsar de vida que deveria ser mantido. Lentamente, no entanto, com o passar dos anos e à medida que a tensão arterial baixava, eles iam morrendo um a um.

Da *London Gazette*, Lista Geral:

O abaixo mencionado renuncia à sua comissão ao completar o serviço, Major Temporário B. de S. Archer, e mantém a patente de Major.

No Verão de 1919, pouco antes de a grandiosa Parada da Vitória desfilar em Whitehall, o Major deixou o hospital e foi para a Irlanda pedir a mão da sua noiva, Angela Spencer. Pelo menos, alimentou a fantasia de que, ao reclamá-la como noiva, poderia obtê-la. Porém, nada de definitivo tinha ficado acordado.

Regressado a casa de licença, em 1916, o Major conhecera Angela em Brighton, onde esta permanecera na companhia de pessoas amigas. Agora, apenas retinha uma vaga recordação dessa época, ofuscado como estava pelo incessante e titânico troar de artilharia que a abafava poderosamente, antes e depois. Tinham ficado algo histéricos – Angela talvez sentindo, no meio de todo aquele patriotismo, que também ela deveria ter algo pessoal a perder, o Major que deveria ter, pelo menos, uma razão para sobreviver. Lembra-se de ter declarado que voltaria para ela, mas não muito mais. Na verdade, a única coisa de que se recorda perfeitamente foi ter-se despedido dela numa tarde de *thé dansant*, num hotel de Brighton. Tinham-se beijado atrás de uma cortina de folhas e, para tentar manter-se firme, assentou a mão sobre um cacto, o que fez com que muitas das suas palavras fossem proferidas sem sinceridade. A tensão fora tão grande que se sentira feliz quando se afastou dela. No entanto, talvez esta agonia contida tivesse deixado a impressão errada dos seus sentimentos. Embora tivesse a certeza de que nunca se declarara de facto a Angela, durante os poucos dias do seu encontro, não restavam dúvidas de que estavam comprometidos: uma certeza acalentada pelo facto de que, logo desde o início, ela assinara as suas cartas como “A tua amada noiva, Angela”. A princípio, isso surpreendera-o. Porém, com o cheiro da morte entranhando-se no abrigo subterrâneo onde rabiscava as suas respostas à luz da vela, teria sido indescritivelmente frívolo e deselegante perder-se em minúcias acerca de distinções puramente sociais.

Angela não tinha muito jeito para escrever cartas, nas quais teria sido impossível encontrar quaisquer sinais do sentimento que teria existido entre eles durante o período de licença do Major, em 1916. Ela tinha certas expressões rituais, tais como “Todos os dias sinto cada vez mais a tua

falta...” e “Rezo pelo teu regresso a salvo, Brendan”, que ela usava em todas as cartas, combinadas com descrições inteiramente factuais de assuntos domésticos: a compra de saias para as gémeas, na Switzers de Dublin, por exemplo, ou a instalação de um gerador eléctrico “Do More”, o primeiro do género na Irlanda e destinado (tinham a certeza) a recuperar a fama de luxo do Majestic. Todo o comentário e toda a emoção eram eficientemente desmascarados por este método. O Major não estava particularmente preocupado. Estava consciente dos seus sentimentos e mantinha-se sempre atento aos factos – dos quais, naquele tempo, a sua memória aturdida estava carente de actualização (no hospital, estivera a recuperar de stresse pós-traumático). Assim, em termos gerais, ficava contente por saber o tamanho e a cor das novas saias das gémeas, ou os nomes, raças, idades e o estado de saúde dos muitos cães de Edward Spencer. Também ficou a saber muito sobre os amigos e os conhecimentos de Angela em Kilnalough, embora, por vezes, como é óbvio, a sua memória criasse buracos negros de factos que submergiam durante um tempo, para só voltarem à superfície algures mais tarde, à semelhança da fama de que gozam certas ilhas vulcânicas nos Mares do Sul.

Depois de ter recebido uma carta por semana, durante vários meses, adquiriu um talento notável para ler estas cartas e para actualizar os novos factos e até, por vezes, para conseguir ver nas entrelinhas as mais longínquas profundezas onde, ocasionalmente, a sombra de uma emoção se agitava como um lúcio. Também havia uma lista dos cães de Edward: Rover, Toby, Fritz, Haig, Woof, Puffy, Bran, Flash, Laddie, Foch e Collie. Mas que é feito do Spot? cismava ele. Onde estás, Spot? Porque não respondeste à chamada? E depois recordou-se, meio divertido, meio preocupado, que, numa carta anterior, o veterinário tinha sido chamado porque o Spot tivera “um acesso de mau génio”, tendo sentenciado que “não era nada de grave”. Desta forma, fio a fio, bordava para si próprio uma tapeçaria colorida da vida de Angela no Majestic. Depressa ficou a conhecer tão bem o local que quando lá foi no início de Julho quase sentiu como se estivesse a ir para casa. E isso foi auspicioso porque, nessa época, à excepção de uma tia idosa que tinha em Bayswater, ele não tinha familiares para visitar.

Ao deixar o hospital, foi fazer uma visita à sua tia. Era uma velhota delicada e simpática por quem tinha uma grande afeição, tendo sido

criado na sua casa. Abraçou-o apertadamente com lágrimas nos olhos, desalentada com o quanto ele tinha mudado, como emagrecera e se tornara pálido, mas receosa de dizer alguma coisa com medo de o incomodar. Ela tinha convidado alguns amigos para o chá como acção de boas-vindas, não sentindo quaisquer dúvidas de que um jovem regressado da guerra merecia um acolhimento maior do que aquele que uma idosa solitária era capaz de proporcionar. Inicialmente, o Major parecia desconcertado ao descobrir a casa cheia de convidados de chávena de chá na mão, mas depois, para alívio da velhota, mostrou-se muito alegre e conversador, falava animadamente com todos, saltitando de um lado para o outro com pratos de bolos e sanduíches, e ria-se muito. Os convidados, inicialmente alarmados com toda aquela efusividade, ficaram rapidamente encantados com ele e, por momentos, tudo corria lindamente. A certa altura, a tia notou a sua falta e, depois de o procurar por todo o lado, deu finalmente com ele sentado sozinho num vestíbulo deserto. Nos seus olhos havia uma expressão amarga e fatigada que ela nunca vira antes. “Mas que outra coisa se podia esperar?”, pensou. Dever ter passado por situações de horror que pessoas idosas e pacatas (como ela) nem sequer podiam começar a entender. Mas estava vivo, graças a Deus, e havia de melhorar. Sensatamente, retirou-se, deixando-o entregue aos seus pensamentos. Passado pouco tempo, ele regressou à roda de chá e parecia perfeitamente animado, tendo o seu momento de amargura ficado esquecido no silêncio da mobília amortalhada.

É claro que o Major sabia que estava a deixar a tia preocupada com o seu estranho comportamento. Estava incomodado consigo próprio, mas, por aqueles dias, sentia dificuldade em melhorar. Quando, numa outra ocasião, na esperança de o distrair, ela convidou algumas jovens para tomar chá, ele incomodou toda a gente com a atenção voraz com que observava as suas cabeças, pernas e braços. Estava a pensar: “Que aspecto tão firme e sólido que têm, como sobressaem tão facilmente do corpo!”. E o chá na sua chávena sabia-lhe a fel. Havia ainda outra coisa que inquietava a sua tia: recusava-se a visitar qualquer dos seus antigos amigos. O grupo de pessoas que conhecia tornara-se aborrecido para ele. Agora só se sentia à vontade na companhia de estranhos – o que tornava a ideia da visita à sua “noiva” duplamente bem-vinda. É certo, obviamente, que se sentia algo apreensivo quando partiu para a Irlanda.

Estava prestes a mergulhar num círculo de pessoas totalmente estranhas. E se Angela se revelasse insuportável mas insistisse em casar com ele? Além disso, os seus nervos estavam num estado muito débil. E se afinal a família fosse repreensível? Contudo, é difícil sentir-se intimidado por alguém quando se conhece, por exemplo, a natureza e a quantidade de actividade dentária nos seus maxilares superior e inferior, onde compram as roupas exteriores (Angela omitira delicadamente qualquer menção à roupa interior), além de muitas outras coisas.

A AMEAÇA DE TROTSKY A KRONSTADT

A situação em Petrogrado é desesperada. Segundo um manifesto emitido pelo Soviete, a evacuação da cidade prossegue com uma azáfama frenética. Trotsky ordenou que a cidade fosse bombardeada antes da sua rendição.

*

Era o início da tarde de 1 de Julho de 1919 e o Major estava confortavelmente sentado num comboio em viagem para o sul a partir de Kingstown, ao longo da costa de Wicklow. Tinha dobrado o seu jornal de forma a revelar que em Boston o Sr. De Valera, discursando acerca do tratado de paz assinado dois dias antes, dissera que equivalia a vinte novas guerras, ao invés de uma apenas no papel terminada. No entanto, o Major limitou-se a bocejar perante esta previsão e olhou para o relógio. Dentro de pouco tempo, chegariam a Kilnalough. Em Kingstown, reparou que Theda Bara iria representar a personagem de Cleópatra. Tom Mix estava na Grafton Picture House, enquanto no Tivoli havia um malabarista “com uma destreza quase única”. Um outro título chamou-lhe a atenção: CENAS EM DUBLIN, NA NOITE DE SÁBADO. RAPARIGAS IRLANDESAS CUSPIDAS E ESPANCADAS. Cerca de vinte ou trinta raparigas, assistentes da Royal Air Force em Gormans-town, tinham sido atacadas por uma multidão enfurecida... empurradas, maltratadas e esbofeteadas em plena via pública. “Por que raio de motivo?”, cismou o Major. Mas adormeceu antes de saber a resposta.

– De facto, assim é – dizia agora o Major aos seus companheiros de viagem –, embora eu tenha a certeza de que não será a minha última. Para dizer a verdade, vou casar com uma... uma rapariga irlandesa.

Ficou a pensar se Angela gostaria de ser descrita como “uma rapariga irlandesa”.

Ah, claro, retorquiram-lhe com um sorriso. Então, era isso. Na verdade, agora ficava-se a saber com regozijo que havia algo mais do que umas férias, pois havia. E que Deus abençoe então uma longa e feliz vida...

O Major levantou-se, encantado com toda aquela afabilidade, e os cavalheiros também se levantaram para o ajudar a retirar da bagageira a pesada mala de pele de porco, dando-lhe palmadas nas costas e repetindo os votos de felicidades, enquanto as senhoras sorriam timidamente perante a ideia de um casamento.

O comboio vibrou ao passar sobre uma ponte. O Major vislumbrou a água que corria suavemente mais abaixo, com a cor ambarina do chá, como muitos rios da Irlanda. De ambos os lados erguiam-se margens cobertas de flores silvestres tecidas na erva alta e brilhante. Abrandaram a marcha, arrastando-se com alguns solavancos aqui e ali. As margens mergulhavam a pique e estendiam-se ao longo de uma plataforma lateral. O Major olhava expectante à sua volta, mas não havia ninguém para ir ao seu encontro. A carta de Angela dissera de uma forma meticulosa, concreta como sempre, que alguém iria ao seu encontro. E o comboio (ele consultou novamente o relógio) até estava alguns minutos atrasado. Havia qualquer coisa na caligrafia esmerada e regular de Angela que tornava impossível não se acreditar naquilo que escrevia. Passaram-se alguns minutos e ele quase perdera a esperança de que alguém chegasse, quando um jovem surgiu timidamente na plataforma. Tinha um rosto amplo e redondo e a forma como inclinava a cabeça para um dos lados dava-lhe um ar matreiro. Após uns momentos de hesitação, aproximou-se, estendendo a mão para o Major.

– Deve ser o amigo da Angela? Lamento imenso o meu atraso. Devia vir recebê-lo e tudo o mais.

Depois de apertar a mão ao Major, retirou a sua e esfregou a cabeça.

– A propósito – prosseguiu –, chamo-me Ripon. Espero que tenha ouvido falar de mim.

– Para falar verdade, não ouvi.

– Ah? Pois bem, sou irmão da Angela.

Angela, que descrevia a sua vida em pormenor, nunca dissera que tinha um irmão. Desconcertado, o Major seguiu Ripon para fora da

estação e, antes de subir para a charrete que os esperava, atirou a mala, que Ripon não se oferecera para carregar, para a parte de trás e subiu. Ripon pegou nas rédeas, sacudiu-as e arrancaram aos solavancos por uma sinuosa estrada de terra. O Major notou que Ripon usava um fato de fazenda de bom corte que precisava de ser engomado: também podia ter escolhido um colarinho limpo.

– Estamos em Kilnalough – anunciou Ripon estranhamente, ao fim de uns momentos de viagem percorridos em silêncio. – Uma vila maravilhosa. Um sítio verdadeiramente esplêndido.

– Suponho que já vive aqui há algum tempo – disse o Major, tentando encontrar uma explicação para a omissão de Ripon nas cartas da irmã. – Quero dizer, não regressou recentemente do estrangeiro?

– Do estrangeiro? – perguntou Ripon, lançando-lhe um olhar desconfiado. – Não, receio bem que não.

Aclarou a garganta e disse:

– Imagino que o cheiro deste sítio seja um pouco estranho para si – e acrescentou: – Sei que a Angela está ansiosa por vê-lo. Quero dizer, todos nós estamos... muito contentes.

O Major olhou à sua volta para as paredes caiadas e para os telhados de ardósia de Kilnalough; aqui e ali, havia homens e mulheres postados às suas portas ou sentados nos degraus de acesso às suas casas, a vê-los passar. Um ou outro idoso levava a mão à boina.

– É uma povoação maravilhosa – repetiu Ripon. – Depressa se habituará a ela. Ali à direita, um pouco mais abaixo, é o Munster and Leinster Bank... à esquerda, a mercearia O'Meara e, logo a seguir, a peixaria, estamos perto do mar, como sabe... mais além, dobrando a esquina, fica a capela de Nossa Senhora Rainha do Céu, piscívora, claro... e ali fica o O'Connell's, o segundo melhor talho de carne de porco...

Curiosamente, no entanto, não passaram por nenhum destes locais. Pelo menos, o Major não viu qualquer vestígio deles. Atravessavam agora os arrabaldes de Kilnalough, onde havia pouco para ver, à excepção de algumas moradias de pedra degradadas, diante das quais havia crianças que brincavam descalças, galinhas a debicar no lixo, e no ar pairava um odor de vegetação em decomposição. Ao chegaram ao topo de uma ladeira, viram a brisa marítima, indolente e efervescente, sobre um manto de searas e cercados. O cheiro a salmoura pairava intensamente no ar.

De repente, Ripon ficou de bom humor, quase eufórico (talvez mesmo um pouco ébrio, pensou o Major), e não parava de assinalar terrenos da sua infância. Apontando para o meio de um descampado plano, disse ao Major que fora ali que tinha feito voar o seu primeiro papagaio de papel; numa sebe de espinheiros abatera em tempos um coelho do tamanho de um *bulldog*; no celeiro mais adiante tivera uma experiência gratificante com a jovem camponesa que naquele tempo costumava representar todos os anos o papel de Virgem Maria no cortejo de Natal montado pela Finnegan's Drapery Limited... e, claro, no matagal que se estendia sobre o outro lado do celeiro, o jovem Ripon, observado por todos os funcionários e toda "a fina-flor" proveniente de vários quilómetros em redor, fora ungido com o sangue da raposa (uma experiência não muito díspar, acrescentou num tom críptico)... e nesta mesma estrada...

Não muito longe, os dois pilares da portada do Majestic sobressaíam da impenetrável folhagem alinhada ao longo da margem marítima da estrada. Quando passaram entre os pilares (os portões propriamente ditos já tinham desaparecido, apenas restando os esqueletos dos enormes gonzos de ferro que em tempos os suportavam), o Major lançou um olhar mais próximo: cada um deles estava encimado por uma grande bola de pedra sobre a qual estava empoleirada uma coroa de pedra ligeiramente enviesada, emprestando aos pilares uma aparência bêbeda e ridícula, como homens solenes com chapéus de papel. À direita do caminho de acesso erguia-se o que em tempos, sem dúvida, tinha sido uma guarita de porteiro, agora tão densamente coberta de hera que apenas os dois rectângulos escuros das janelas destruídas revelavam que aquela massa folhosa estava oca. O espesso aglomerado de árvores caducas, atrás do qual se podia ouvir o débil rebentamento do mar, transformava-se progressivamente num pinhal mais esparso, à medida que eles avançavam sobre a parte mais estreita da península e invertiam novamente a marcha ao alcançarem o parque sobre o qual se destacava a massa escura do hotel. O tamanho do local impressionou o Major. Enquanto se aproximavam, ergueu o olhar para a grande parede com torreões que pairava sobre eles, e tentou contar as varandas e janelas (atrás de uma das quais a sua "noiva" estaria provavelmente à sua espera).